



Vitruvian Cogitationes - RVC



A produção acadêmica sobre o ensino de Paleontologia no Brasil: um mapeamento

La producción académica sobre la enseñanza de la paleontología en Brasil: un mapeo

Mapping the academic production on teaching Paleontology in Brazil

Natália Schueda Menezes

Universidade Federal do Paraná – UFPR  e-mail: nataliaschueda@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0005-8318-4371>

Patrícia Barbosa Pereira

Universidade Federal do Paraná – UFPR  e-mail: patricia2708@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2984-2872>

Resumo: Este estudo mapeou a produção acadêmica brasileira dos últimos dez anos sobre o ensino de Paleontologia nos níveis fundamental e médio e discutiu os achados sob uma perspectiva decolonial. Houve o funcionamento dos procedimentos de um estado da arte. Foram identificados e analisados cinquenta trabalhos. Alguns dos resultados encontrados foram: predominância de artigos; distribuição geográfica desigual de publicações; aumento no número de publicações no período; ligeira superioridade numérica de publicações sobre Ensino Médio que Fundamental; frequentes propostas de intervenções diretas no ambiente escolar; frequentes métodos de pesquisa que podem ser realizados remotamente frequentes; e raras visitas a ambientes acadêmicos. As conclusões das publicações analisadas denunciam um ensino de Paleontologia superficial e atribuem a responsabilidade de superação deste cenário aos professores. São necessárias novas investigações que aprofundem as discussões e busquem os motivos que levaram aos resultados encontrados.

Palavras-chave: estudo de revisão; fósseis; educação científica.

Resumen: Este estudio mapeó la producción académica brasileña de la última década sobre la enseñanza de la Paleontología en la educación básica, discutiendo los resultados desde una perspectiva decolonial. Se emplearon los procedimientos de un estado del arte, analizando cincuenta trabajos identificados. Los resultados destacan: predominancia de artículos; distribución geográfica desigual; incremento de publicaciones en el periodo; ligera superioridad numérica de estudios sobre educación secundaria frente a la primaria; frecuentes propuestas de intervención escolar directa; frecuentes métodos de investigación de ejecución

remota; y escasas visitas a entornos académicos. Las conclusiones denuncian una enseñanza de la Paleontología superficial, atribuyendo la responsabilidad de superar este escenario a los docentes. Son necesarias nuevas investigaciones que profundicen estas discusiones y busquen las causas subyacentes a los resultados encontrados.

Palabras-clave: estudio de revisión; fósiles; educación científica.

Abstract: This study mapped Brazilian academic production from the last decade regarding Paleontology education in primary and secondary levels, analyzing the findings through a decolonial perspective. A state-of-the-art methodological procedure was employed to identify and examine fifty works. Key findings include: a predominance of articles; an uneven geographical distribution of publications; a growth in the number of works over the period; a slight numerical superiority of secondary over primary education studies; frequent proposals for direct school interventions; common research methods suitable for remote execution; and rare visits to academic environments. The analyzed conclusions reveal a superficial approach to Paleontology teaching, often placing the responsibility of overcoming this scenario solely on teachers. Further research is required to deepen these discussions and investigate the underlying causes of the identified trends.

Keywords: review study; fossils; science education.

1 INTRODUÇÃO

Os fósseis, restos ou evidências de atividades de organismos que ficaram preservados em rochas ou outros materiais, nos revelam histórias de uma temporalidade muito maior que a dimensão humana (Cassab, 2010). A ciência que tem o bonito papel de tornar públicas as histórias destes sobreviventes à imensidão do tempo geológico é a Paleontologia.

Além de contar as histórias da Terra e de seus habitantes ao longo do tempo, a Paleontologia fornece informações sobre a datação de camadas geológicas e reconstitui ambientes terrestres pretéritos (Cassab, 2010). Para isso, se vale de conhecimentos de diversas áreas, como Biologia, Geologia, Oceanografia e quaisquer outras que a auxiliem na interpretação dos fósseis (Simões; Rodrigues; Soares, 2015). Ainda, a Paleontologia conecta as Ciências da Natureza às Ciências Humanas: está relacionada à indústria do turismo sustentável, é parte da cultura e do cotidiano de populações que vivem em áreas fossilíferas e fornece informações sobre substâncias minerais e combustíveis de valor comercial (Silva; Cosenza, 2021).

Tamanho caráter interdisciplinar, somado à curiosidade que tende a despertar em todos que entram em contato com essa ciência, confere à Paleontologia grande potencial pedagógico (Soares, 2015). Entretanto, o conhecimento paleontológico no Brasil ainda é concentrado nos centros de pesquisa, museus e universidades (Schwanke; Silva, 2010), fato reforçado pelo subaproveitamento do potencial pedagógico da Paleontologia nos principais documentos curriculares brasileiros (Soares, 2015).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na área das Ciências da Natureza, menciona a Paleontologia apenas duas vezes. Uma delas é nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental, no 6º ano. Na unidade temática “Terra e Universo”, há a habilidade EF06CI12, que propõe: “Identificar diferentes tipos de rocha, relacionando a formação de fósseis a rochas sedimentares em diferentes períodos geológicos” (Brasil, 2018, p. 345). A segunda menção à Paleontologia na BNCC é mais tímida e ocorre na etapa do Ensino Médio, área das Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Entre diversos outros tópicos, o documento afirma que podem ser

mobilizados conhecimentos conceituais relacionados ao registro fóssil ao introduzir a competência 2: “Analisar e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do Universo, e fundamentar e defender decisões éticas e responsáveis” (Brasil, 2018, p. 556).

Godoi *et al.* (2022) indicam que o potencial pedagógico da Paleontologia vem sendo subaproveitado, também, nas publicações brasileiras sobre a Paleontologia na Educação Básica. Por meio de uma revisão da literatura do período de janeiro de 2005 a dezembro de 2021, os autores observaram uma queda a partir de 2019 no número de publicações que tratam de propostas ou análises de atividades de Paleontologia. Tal subaproveitamento, tanto no currículo quanto nas publicações acerca do ensino de Paleontologia na Educação Básica, opera pelo afastamento do conhecimento paleontológico acadêmico do conhecimento paleontológico que chega à comunidade em geral, por meio das escolas (Menezes; Pereira, 2024).

Para além das disputas por espaço na Educação Básica, a Paleontologia em si é um campo disputado por forças desiguais (Silva; Cosenza, 2020). Historicamente, fatores históricos, sociais e econômicos regem a produção científica paleontológica. O sistema extrativista do colonialismo europeu do século XIX facilitava que fósseis originários das colônias fossem coletados, transportados e armazenados nas capitais de Império, onde eram estudados. Diversas dinâmicas de pesquisa análogas a essa persistem até a atualidade (Raja *et al.*, 2022).

No artigo “*Colonial history and global economics distort our understanding of deep-time biodiversity*”, Raja *et al.* (2022) exploram a correlação entre o legado colonial e fatores socioeconômicos na distribuição assimétrica de conhecimento paleontológico mundial. Os autores, baseados em dados paleontológicos públicos e globais, denunciam o colonialismo científico em Paleontologia, processo em que o núcleo de produção de conhecimento sobre um país está localizado no exterior (Galtung, 1967).

Em nossas pesquisas, optamos pela expressão “colonialidade científica”, de acordo com o que Quijano (1992) entende por colonialismo e colonialidade. Colonialismo diz respeito a um sistema de dominação política, social e cultural bastante atrelado, mas não restrito a um período histórico específico. As marcas da dominação de nações principalmente europeias sobre suas colônias seguem se reproduzindo até hoje na forma da colonialidade. Ao recorrer a este efeito metafórico, deslocando sentidos e produzindo outros (Orlandi, 2015), nos comprometemos com os sentidos ideológicos mobilizados e com a denúncia a dinâmicas coloniais que ainda marcam o fazer Ciência.

Uma das formas de colonialidade científica é a “ciência paraquedista”, em que pesquisadores estrangeiros conduzem pesquisas de campo em outros países e o restante da pesquisa de volta em seus países, sem o envolvimento da comunidade local (Stefanoudis *et al.*, 2021). Outras formas de colonialidade científica envolvem a desvalorização do conhecimento de pesquisadores locais ou o desrespeito às leis do país (Raja *et al.*, 2022). Este último engloba, por exemplo, casos de tráfico, contrabando e comércio ilegal de fósseis.

As maiores vítimas da colonialidade científica em Paleontologia são os países do Sul Global, uma identidade geopolítica que ultrapassa as fronteiras de estados-nações e em que as diferenças coloniais se manifestam em múltiplas esferas do cotidiano (Ballestrin, 2020). Um dos países do Sul Global é o Brasil. Ainda que tenha uma sociedade paleontológica, cursos de nível superior, repositórios nacionais, oportunidades de financiamento de pesquisa e uma legislação que protege seu patrimônio fossilífero (Raja *et al.*, 2022), o Brasil é vítima da colonialidade científica em Paleontologia.

No artigo “*Digging deeper into colonial palaeontological practices in modern day Mexico and Brazil*”, Cisneros *et al.* (2022) reuniram 71 trabalhos publicados entre 1990 e 2020

sobre macrofósseis da Bacia do Araripe e buscaram neles sete diferentes indícios de práticas científicas coloniais. Elas são: a ausência de pesquisadores locais; a presença de pesquisador local mas não filiado a instituições de pesquisa; ausência de licenças para coleta de fósseis; ausência de licenças para exportação dos fósseis; fósseis não devolvidos ao país de origem; armazenamento de fósseis em coleções privadas; e provável compra de fósseis. Os resultados encontrados pelos autores representam casos de colonialidade científica em uma quantidade alarmante de publicações.

Ainda neste trabalho, Cisneros *et al.* (2022) expõem diferentes argumentos comumente utilizados por quem defende práticas coloniais em Paleontologia. Tais argumentos são reproduções do que, para Orlandi (1990), se chama discurso colonial. Um discurso colonial desconsidera noções históricas e políticas, apaga contextos e cria sentidos enviesados, a fim de submeter o Sul Global ao estatuto de colônia. Esse tipo de discurso se reproduz ao longo de toda nossa história sempre que encontra condições favoráveis.

Acreditamos que compreender a extensão dos impactos de dinâmicas e discursos coloniais no conhecimento paleontológico que chega às escolas brasileiras é o primeiro passo para a superação desse cenário. Esta pesquisa, derivada da dissertação de mestrado da primeira autora, tem como objetivo mapear os trabalhos publicados nos últimos dez anos sobre o ensino de Paleontologia no Brasil e discutir os achados sob uma perspectiva decolonial.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é uma revisão da literatura acadêmica sobre a Educação Científica no Brasil no que se refere ao ensino de Paleontologia. A partir da revisão de literatura, houve o funcionamento dos procedimentos de um estado da arte segundo o referencial metodológico de Romanowski e Ens (2006).

Estudos sobre estado da arte facilitam a compreensão das formas como acontece a produção do conhecimento de uma determinada área. Eles identificam a produção, a analisam, categorizam e indicam seus enfoques, os temas mais relevantes, emergentes e recorrentes, bem como suas lacunas de produção. Esta forma de sistematização de dados, descritiva e analítica, abrange todas as formas de produção de uma área, como teses e dissertações, artigos de periódicos e publicações em anais de eventos. O caráter abrangente destes estudos possibilita que funcionem como uma espécie de marco histórico sobre a produção científica, facilitando a visualização da evolução da pesquisa de uma determinada área (Romanowski; Ens, 2006).

Neste trabalho, seguimos 8 procedimentos elencados por Romanowski e Ens (2006) para a condução de um estado da arte: definição de descritores para a busca; localização das bases de dados; estabelecimento de critérios para a seleção do *corpus* de análise; levantamento dos trabalhos catalogados; coleta do material de pesquisa; leitura e síntese preliminar das publicações; sistematização de um relatório que identifica tendências; e análise e conclusões preliminares.

Utilizamos os descritores “ensino” ou “educação” combinados com “fósseis”, “fóssil” ou “paleontologia” em bases de dados gerais; e somente “fósseis”, “fóssil” ou “paleontologia” em bases de dados próprias da área da Educação. Buscamos, entre os meses de novembro de 2024 e março de 2025, trabalhos publicados em sete diferentes bases de dados: a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); os anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped); os anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC); e os anais do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBio). A escolha por essas bases de dados permitiu incluir em nossas

buscas trabalhos de formatos diversos (artigos em periódicos, artigos em anais de eventos, dissertações e teses), bem como de autores em diferentes níveis de formação.

Compõem nosso *corpus* de análise a totalidade de trabalhos dos últimos 10 anos escritos em português sobre o ensino de Paleontologia nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Brasil, disponíveis nas bases de dados consultadas. Para isso, adotamos quatro critérios para a seleção dos trabalhos que compõem o *corpus* de análise da pesquisa. Consideramos somente trabalhos dos últimos 10 anos (de 2014 a 2024), com duas exceções: a exclusão dos anais do ENEBio de 2024, porque não haviam sido publicados até o momento da construção dos dados, e a inclusão dos anais da Anped e do ENPEC de 2013, por se tratar de eventos bienais que não ocorreram no ano de 2014. Só consideramos trabalhos em português sobre o contexto brasileiro e relacionados à Paleontologia e à Educação. E, por fim, dos trabalhos elencados pelos critérios anteriores, selecionamos os que abordam a Educação Científica nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A seleção dos trabalhos para o *corpus* de análise se iniciou com o levantamento da totalidade de trabalhos encontrados a partir de nossos descritores. Em seguida, selecionamos os trabalhos por título: foram excluídos títulos que não traziam termos associados à Paleontologia ou à Educação, e desconsideramos títulos repetidos de outra base de dados. Os trabalhos elencados nessa etapa foram registrados em uma planilha contendo título, autor/ano e link de acesso (Figura 1).

Figura 1 – Fragmento da seleção do *corpus* de análise do Catálogo de Teses e Dissertações

1ª etapa			
Descritores	Resultados		
Paleontologia + Educação	9		
Paleontologia + ensino	20		
Fosseis + ensino	1000		
Fosseis + educação	914		
Fossil + educação	5		
Fossil + ensino	10		
2ª etapa: Seleção por título (24 resultados)			
Título	Formato	Autor/ano	Link
1 Nos caminhos de Lund: significações sobre paleontologia e educação ambiental	Tese	Neves, 2022	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11888346
2 A PALEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROMOVENDO A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	Dissertação	Radiske, 2023	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13761725
3 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA SANTANENSE A PARTIR DA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO MUSEU DE PALEONTOLOGIA (1985- 2016)	Dissertação	Macario, 2019	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7780237
4 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PALEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE LIVRO PARADIDÁTICO PARA O PROFESSOR	Dissertação	Gatinho, 2020	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10376352
5 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM PALEONTOLOGIA NA REGIÃO CENTRAL DO RS: CONSTRUINDO UMA CARTILHA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	Dissertação	Stochero, 2018	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7616611
6 PALEONTOLOGIA E PALINOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	Dissertação	Nobre, 2014	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2336655

Fonte: As autoras (2026).

Os trabalhos selecionados por título, então, passaram por uma etapa de seleção por resumo. Foram excluídos os trabalhos cujos resumos indicassem não tratar do Ensino de

Ciências ou Biologia nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Essa etapa marca o estabelecimento do *corpus* de análise (Figura 2).

Figura 2 – Fragmento da seleção do *corpus* de análise do Catálogo de Teses e Dissertações

3ª etapa: Seleção por resumo (13 resultados)				
1	DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PALEONTOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE LIVRO PARADIDÁTICO PARA O PROFESSOR	Dissertação	Gatinho, 2020	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10376352
2	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM PALEONTOLOGIA NA REGIÃO CENTRAL DO RS: CONSTRUINDO UMA CARTILHA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	Dissertação	Stochero, 2018	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7616611
3	PALEONTOLOGIA E PALINOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	Dissertação	Nobre, 2014	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2336655
4	O uso de fósseis como temática para a abordagem da paleontologia no ensino de ciências	Dissertação	Hohemberger, 2018	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6811019
5	A PALEONTOLOGIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	Dissertação	Nizer, 2019	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7862033
6	A PALEONTOLOGIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS A PARTIR DOS DOCUMENTOS CURRICULARES E DOS LIVROS DIDÁTICOS	Dissertação	Costa, 2022	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12245069
7	ENSINO INVESTIGATIVO EM PALEONTOLOGIA: O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	Dissertação	Mariano, 2022	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col_etal/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12164773

Fonte: As autoras (2026).

Partiu-se, então, para a etapa de leitura e síntese preliminar do *corpus* de análise. Os trabalhos foram organizados em planilha contendo as categorias: título, autoria, ano de publicação, estado onde se localiza o primeiro autor, formato de produção, temática, etapa de ensino privilegiada, objetivos, metodologias, conclusões, conclusões sintetizadas, link de acesso e base de dados (Figura 3). Nessa etapa, a fim de facilitar a visualização dos dados, utilizamos a ferramenta de inteligência artificial *Google Gemini* para elaborar as conclusões sintetizadas com base nas conclusões elencadas pelas autoras.

Figura 3 – Fragmento da síntese preliminar do *corpus* de análise

Título	Formato	Autoria	Ano	Onde foi produzido	Tema	Etapa de Ensino	Objetivos	Metodologias	Conclusões	Conclusões sintetizadas por IA	Link/página	Base de dados
PALEONTOLOGIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	Artigo (Análise de evento)	Alonço e Boelter	2016	Santa Catarina	Análise de livro didático	Ensino Médio	Qualificar os conteúdos de Paleontologia que estão sendo abordados nos livros didáticos de Biologia do ensino Médio, possibilitando assim, uma nova visão da escolha dos livros didáticos superando eventualidades que interfiram no processo de construção de conhecimento.	Análise de conteúdo; análise documental	os autores vêm preocupando-se com os conceitos e conteúdos aplicados aos LDs, mas ainda é possível encontrar eventuais falhas nesse processo, que muitas vezes passam despercebidos, desde a aprovação pelo PNLD, até chegar aos professores que fazem a escolha da coleção a ser usada na escola. É possível observar que os LDs apresentam uma elaboração significativa de conceitos e tópicos associados a essa área da Biologia. Porém, todos os conteúdos estão associados a outros capítulos, principalmente a Origem e Evolução da Vida na Terra.	Autores identificaram falhas nos livros didáticos (LDs) de Biologia do Ensino Médio, desde a aprovação pelo PNLD até a escolha pelos professores, apesar da preocupação com os conteúdos. É possível melhorar a qualidade dos livros didáticos e seu uso em sala de aula.	7671-7681 https://doi.org/10.1590/0007-07132016000100001	ENEBio
CONCEPÇÕES ACERCA DA PALEONTOLOGIA POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITAPIPOCA-CEARÁ	Artigo (Análise de evento)	Pereira e Almeida	2018	Ceará	Análise de concepções antes e após a implementação de uma atividade	Ensino fundamental 7º ano	GERAL: avaliar as concepções a respeito da paleontologia pelos estudantes do 7º ano em uma escola do ensino fundamental da rede pública do município de Itapipoca-Ce. ESPECÍFICOS: i) avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre paleontologia e, fósseis encontrados na região de Itapipoca-Ce; ii) possibilitar aos estudantes o acesso a conhecimentos sobre paleontologia e fósseis da região de Itapipoca-Ce, através de metodologias diferenciadas; iii) analisar as concepções dos alunos sobre os conceitos básicos em Paleontologia e fósseis da região de Itapipoca-Ce, resultantes dessa experiência.	Questionários; aula expositiva; atividade prática	No geral, as concepções apresentadas pelos outros estudantes estavam próximas dos elementos presentes no conceito científico, tais como, restos e vestígios, animais pré-históricos, fóssil e passado geológico. Conseguiram reelaborar suas respostas através de seus conhecimentos [após a atividade], acrescentando fósseis de animais e principalmente de plantas em seu discurso. A Paleontologia foi considerada por uma maioria parcela dos pré-vestibulandos como desinteressante, principalmente por não fazer parte do que almejam profissionalmente. Todavia, a partir das práticas efetuadas, percebeu-se que uma significativa parte dos alunos demonstrou interesse e curiosidade pelo estudo dos fósseis, além de que conseguiram desenvolver satisfatoriamente os conceitos abordados.	Estudantes do 7º ano tinham concepções sobre paleontologia próximas ao conceito científico. Após atividade, conseguiram reelaborar suas respostas e adicionar mais detalhes, mostrando um aprendizado efetivo sobre o tema.	805-812 https://doi.org/10.1590/0007-07132018000100001	ENEBio
A construção de réplicas de registros fósseis como ferramenta para o Ensino de Ecologia e Evolução	Artigo (Análise de evento)	Barbosa	2021	Ceará	Implementação de atividade	Ensino Médio 3º ano	analisar as percepções de estudantes de Ensino Médio quanto a construção de réplicas de fósseis no ensino de Ecologia e Evolução.	Questionários; atividade prática com réplicas; nuvem de palavras	As organizações dos conteúdos abordados pelas duas coleções são diferentes entre elas e, diferem também, da organização do Currículo do Estado de São Paulo. A abordagem diferenciada dos livros didáticos em relação ao Currículo do Estado de São Paulo torna o trabalho do professor e do aluno extenuante, gerando maiores dificuldades para o desenvolvimento das diversas atividades necessárias para a aquisição das habilidades propostas no currículo.	A maioria dos pré-vestibulandos achava paleontologia desinteressante, mas as práticas despertaram interesse e curiosidade, com desenvolvimento satisfatório dos conceitos. Os alunos que participaram das atividades demonstraram curiosidade, interesse, e absorveram os conceitos relacionados a paleontologia.	153-163 https://doi.org/10.1590/0007-07132021000100001	ENEBio
A Paleontologia no Currículo do Estado de São Paulo e nos livros didáticos de Biologia do ensino médio	Artigo (Análise de evento)	Santos, Santos, Piranha	2015	São Paulo	Análise de livro didático; Análise de currículo	Ensino Médio	avaliar como o conteúdo de Paleontologia está presente e organizado em duas coleções de Biologia do Ensino Médio, aprovadas pelo Programa Nacional dos Livros Didáticos - PNLD (2012-2014). Também buscou analisar se o conteúdo dessas coleções favoreceu o desenvolvimento das habilidades mencionadas pelo Currículo do Estado de São Paulo.	Análise documental	As organizações dos conteúdos abordados pelas duas coleções são diferentes entre elas e, diferem também, da organização do Currículo do Estado de São Paulo. A abordagem diferenciada dos livros didáticos em relação ao Currículo do Estado de São Paulo torna o trabalho do professor e do aluno extenuante, gerando maiores dificuldades para o desenvolvimento das diversas atividades necessárias para a aquisição das habilidades propostas no currículo.	Os conteúdos de paleontologia nos livros didáticos são diferentes entre si e do currículo do estado de São Paulo, dificultando o trabalho de professores e alunos. A abordagem diferenciada dos livros didáticos em relação ao Currículo do Estado de São Paulo torna o trabalho do professor e do aluno extenuante.	https://www.abrapes.org.br/revista/ver/153-163	ENPEC
Kit paleontológico: um material didático com	Artigo em	Bergqvist;		Rio de	Proposta de material didático; Implementação	Ensino fundamental	GERAL: apresentação de um kit paleontológico elaborado para servir como ferramenta ativa no ensino da Paleontologia no Ensino Fundamental, ESPECÍFICOS: - tornar o kit uma ferramenta inter e transdisciplinar e interativa, de modo que, após poucos, os estudantes pudessem chegar às suas próprias conclusões; - mostrar, aos alunos, que a Paleontologia é muito mais rica e diversa do que os fósseis de dinossauros; - divulgar os fósseis e locais de duas regiões distintas, chamando a atenção para a existência de fósseis no Rio de Janeiro; - popularizar o conhecimento paleontológico, tendo o estudante como disseminador do		O kit transcende o conceito de coleção didática paleontológica, jogo educativo ou brincadeira, mas constitui uma forma diversificada e instigante de realizar uma aula prática para fixação de conceitos de Paleontologia dentro da disciplina Ciências do 6º ano do Ensino	O kit paleontológico é uma ferramenta divertida e instigante para ensinar paleontologia no 6º ano do Ensino Fundamental, indo além de coleção didática ou jogo. Ele é divertido e engajador para os		

Fonte: As autoras (2026).

Para posterior redação de relatório que identifica tendências na produção acadêmica sobre o ensino de Paleontologia no Brasil, foram elaboradas duas novas planilhas com os dados da síntese preliminar. Na primeira, foram contabilizados os dados de ano de publicação, estado onde se localiza o primeiro autor, formato de produção, etapa de ensino privilegiada, objetivos e metodologias. Na segunda, os dados de conclusões foram organizados em cinco categorias emergentes: livros didáticos, discentes, docentes, documentos oficiais, e propostas para o ensino de Paleontologia. Aqui, novamente a fim de facilitar a visualização dos dados, fizemos uso da ferramenta de inteligência artificial *Google Gemini* para condensar os textos de conclusões elencados em cada uma das cinco categorias em um único bloco de texto.

Além dos usos de inteligência artificial já citados, ainda utilizamos o *Google Gemini* em dois outros contextos. O primeiro compreendeu adequações estilísticas ao longo do texto, como a busca por sinônimos ou melhores conectivos a fim de enriquecer frases pontuais. O segundo diz respeito à escrita dos resumos em espanhol (*resumen*) e inglês (*abstract*). Usamos a ferramenta para traduzir a versão original, escrita em português, e posteriormente revisamos as traduções geradas.

Em todos os casos de uso da inteligência artificial, os textos foram gerados com base em materiais originalmente elaborados pelas autoras. Ainda, os textos gerados passaram por constantes revisão e adequação, garantindo que fossem verídicos e condizentes com o material original.

3 ACHADOS

No total, nas bases de dados acessadas, foram encontrados 50 trabalhos dos últimos 10 anos, escritos em português, sobre o ensino de Paleontologia nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Brasil. Eles estão indexados em anais do ENEBio e do ENPEC, na *SciELO*, no Portal de Periódicos da CAPES, no Catálogo de Teses e

Dissertações e na BDTD. A distribuição de trabalhos indexados em cada uma dessas bases de dados consultadas está disposta no Quadro 1.

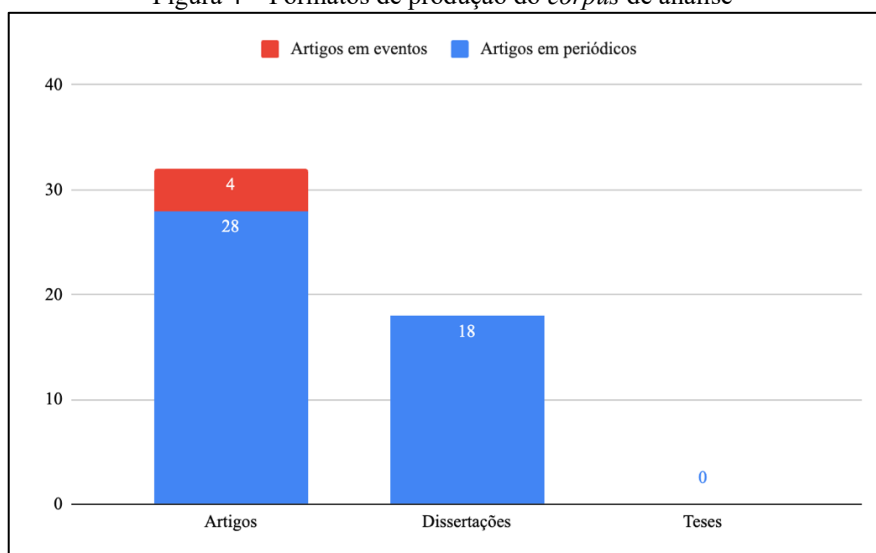
Quadro 1 – Quantidade de publicações do *corpus* de análise em cada base de dados

Base de dados	Número de trabalhos
Periódicos CAPES	27
Catálogo de Teses e Dissertações	13
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	5
Anais do ENEBio	3
Anais do ENPEC	1
<i>SciElo</i>	1
Anais da Anped	0
Total	50

Fonte: As autoras (2026).

Quanto aos formatos de produção, sobressaem-se os artigos. São quatro publicados em anais de eventos e 28 em periódicos, totalizando 32. Os 18 trabalhos restantes do *corpus* de análise são dissertações (Figura 4). Apesar de estarem incluídas na busca, nenhuma tese estava dentro dos critérios de seleção do *corpus*.

Figura 4 – Formatos de produção do *corpus* de análise



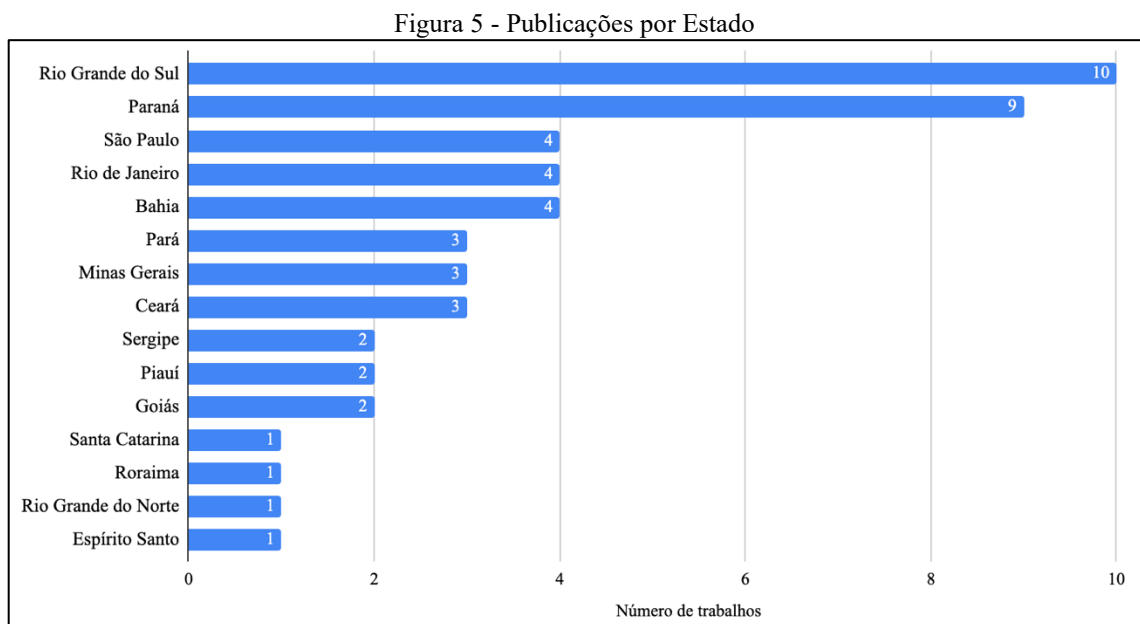
Fonte: As autoras (2026).

Essa distribuição não é inesperada devido à própria natureza dos trabalhos: artigos são menos complexos e demorados de serem escritos e publicados que teses e dissertações. Além disso, um único trabalho de conclusão de graduação, mestrado ou doutorado pode dar origem a uma grande quantidade de artigos. Entretanto, a ausência total de teses no *corpus* de análise é um dado a ser considerado.

A escassez de trabalhos sobre o ensino de Paleontologia em nível de doutorado pode ser utilizada para mobilizar sentidos de um dos argumentos de quem defende a colonialidade científica em Paleontologia: o de que faltam expertise local, educação para a pesquisa e investimento em ciência no Sul Global (Cisneros *et al.*, 2022). Segundo Cisneros *et al.* (2022), esse argumento ignora que há múltiplos museus e programas de pós-graduação em Paleontologia na América Latina. Além disso, o número de publicações sobre Paleontologia de 2000 a 2018 cresceu mais no Brasil que nos países do Norte Global.

Antes de atribuir a responsabilidade pela ausência de teses ao pessoal qualificado do Sul Global, é importante que novas investigações afirmem se esse é um efeito comum. É possível que em países do Norte Global a frequência de teses sobre o ensino de Paleontologia na última década também tenha sido baixa ou nula.

Os trabalhos analisados têm como primeiras autoras pessoas baseadas em 15 diferentes estados brasileiros, distribuídos como demonstra a Figura 5.



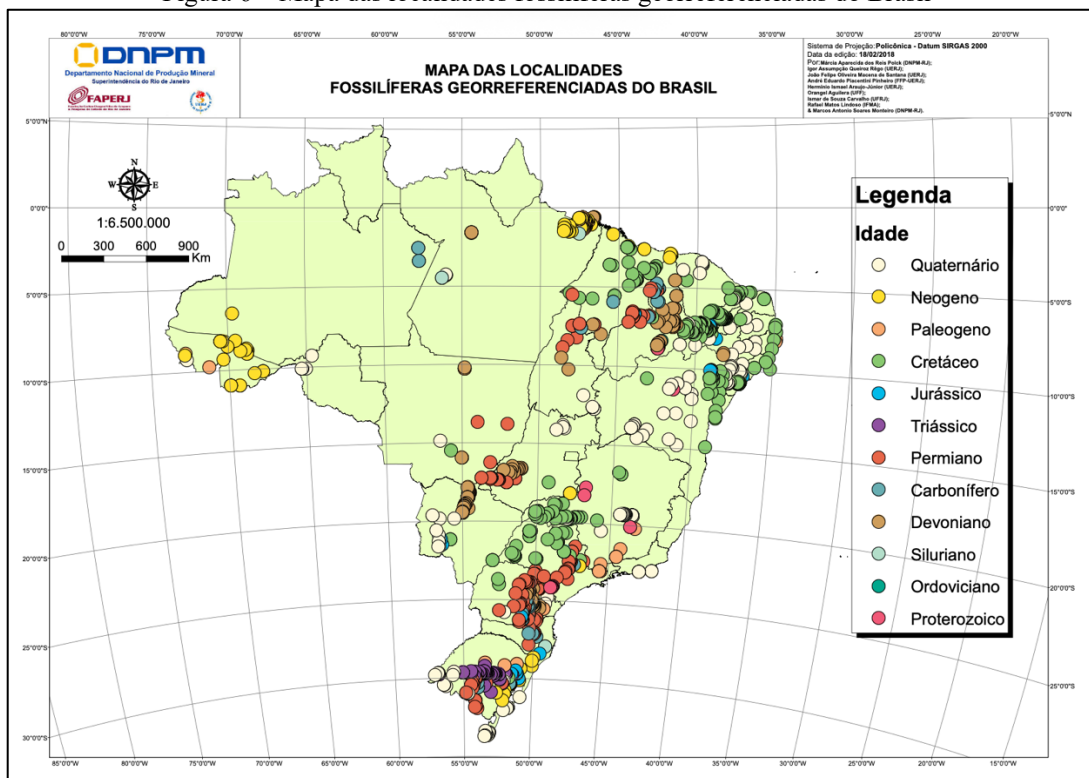
Fonte: As autoras (2026).

Os dois estados que se destacam no *corpus* de análise por apresentar a maior quantidade de trabalhos publicados foram Rio Grande do Sul e Paraná. Em ambos, há localidades fossilíferas de relevância científica em nível global: Rio Grande do Sul pode ser o berço dos primeiros dinossauros, já que alguns dos fósseis mais antigos desses répteis de que se tem notícia são provenientes da região (Pivetta, 2019); enquanto no Paraná há uma janela para ambientes costeiros do período Devoniano e uma fauna endêmica de invertebrados de regiões que hoje correspondem à América do Sul, Antártida e África do Sul (Menezes, 2023). Para pesquisar esses e os demais fósseis da região, nesses estados, há diversos cursos de pós-graduação em Paleontologia, laboratórios relativamente antigos e bem consolidados e museus com acervo paleontológico (Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2022a; Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2022b; Universidade Federal do Paraná, 2026; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2026). Considerando que a Paleontologia é uma ciência ainda muito restrita ao universo acadêmico (Schwanke; Silva, 2010), a estreita relação das instituições desses estados com a pesquisa paleontológica pode justificar a grande quantidade de publicações sobre o ensino de Paleontologia. É possível que professores formados nessas instituições estejam dispostos a pensar a Paleontologia em sala de aula por ter grande contato com essa ciência durante a formação.

Por outro lado, Espírito Santo e Roraima são dois estados que não apresentam regiões fossilíferas (Figura 6), mas tiveram trabalhos publicados sobre o ensino de Paleontologia. Apesar de a presença de fósseis e sua estreita relação com a pesquisa nas instituições estaduais possivelmente catalisar o ensino de Paleontologia nas escolas, compreendemos que sua ausência não é um limitador.

Um outro dado interessante é que todos os nove estados da região Nordeste têm regiões fossilíferas, mas apenas cinco publicaram trabalhos sobre o ensino de Paleontologia nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio na década investigada.

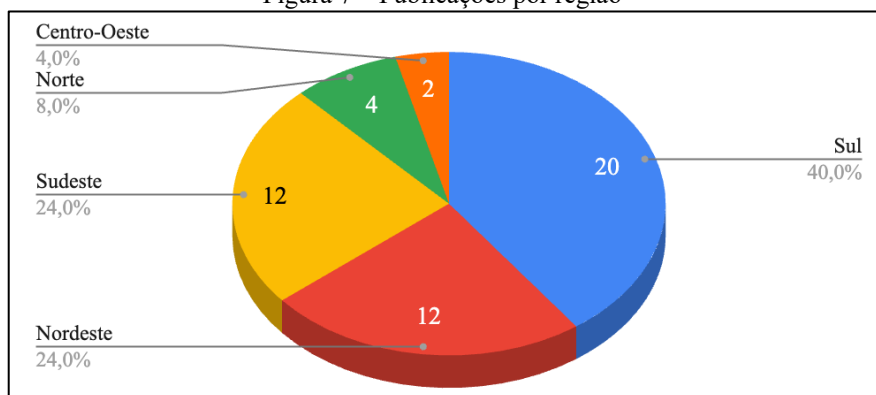
Figura 6 – Mapa das localidades fossilíferas georreferenciadas do Brasil



Fonte: Brasil (2017).

Encontramos trabalhos publicados por primeiros-autores de todas as regiões do país, com grandes diferenças na distribuição dos representantes de cada região (Figura 7).

Figura 7 – Publicações por região



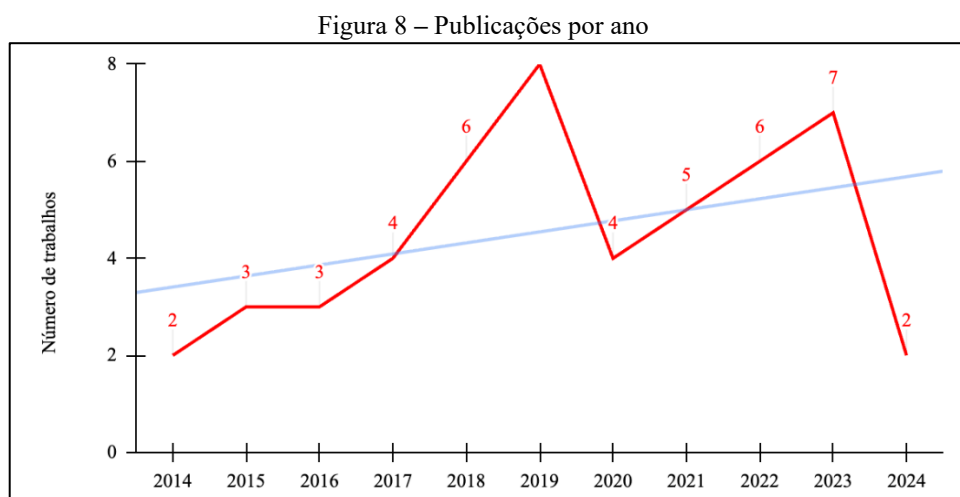
Fonte: As autoras (2026).

A correlação entre a presença de áreas fossilíferas e um grande número de publicações sobre o ensino de Paleontologia não foi verificada no caso da região Nordeste. A região é extremamente rica em sítios fossilíferos, mas teve consideravelmente menos publicações que a

região Sul. Isso nos leva a considerar que há outros fatores afetando essa distribuição, possivelmente socioeconômicos.

A escassez de trabalhos sobre o ensino de Paleontologia em uma determinada região pode sinalizar que o conhecimento paleontológico local que chega ao público é igualmente escasso. Isso é danoso à ciência pois pode mobilizar o argumento colonial de que as comunidades locais são desinteressadas nos fósseis. Uma comunidade só pode se interessar por um patrimônio que conhece. A falta de acesso a informações paleontológicas, nesse caso através das escolas, não oportuniza que a conexão cultural com o patrimônio fóssil se desenvolva (Cisneros *et al.*, 2022). Uma das regiões fossilíferas da região Nordeste é a Bacia do Araripe, historicamente a mais visada do país em esquemas de tráfico de fósseis (Menezes, 2023). A comunidade local pode ser uma grande aliada no combate ao tráfico de fósseis na região caso estabeleça uma identificação cultural com seu patrimônio fóssil. Se faz necessária uma articulação mais robusta entre as instituições acadêmicas e o poder público locais, com vistas à democratização do acesso ao conhecimento paleontológico.

A quantidade de trabalhos publicados por ano sobre o ensino de Paleontologia nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio seguiu a distribuição expressa na Figura 8.



Fonte: As autoras (2026).

A linha de tendência do gráfico indica que o número de publicações por ano cresceu ao longo da década analisada, embora o último ano compreendido pela análise tenha números muito abaixo da média. Outro dado interessante é o de que a média no número de publicações a partir de 2018 (5,4) é maior que nos anos anteriores (3). Aqui vale ressaltar que 2018 foi o ano de publicação da BNCC. Não descartamos a possibilidade de que esse aumento na quantidade de publicações nesse momento em específico represente uma resposta ao subaproveitamento do potencial pedagógico da Paleontologia pelo documento.

A BNCC dá uma ênfase ligeiramente maior, ainda que pequena, à Paleontologia na etapa do Ensino Fundamental em relação ao Ensino Médio. Já a distribuição da quantidade de trabalhos que abordam essas etapas de ensino seguiu o caminho contrário: há ligeiramente mais trabalhos que abordam o Ensino Médio em relação ao Ensino Fundamental.

Quadro 2 – Etapas de ensino privilegiadas no *corpus* de análise

Etapas de ensino privilegiada	Número de trabalhos
Ensino Médio	18
Ensino Fundamental	15
Ensino Fundamental e Ensino Médio	13

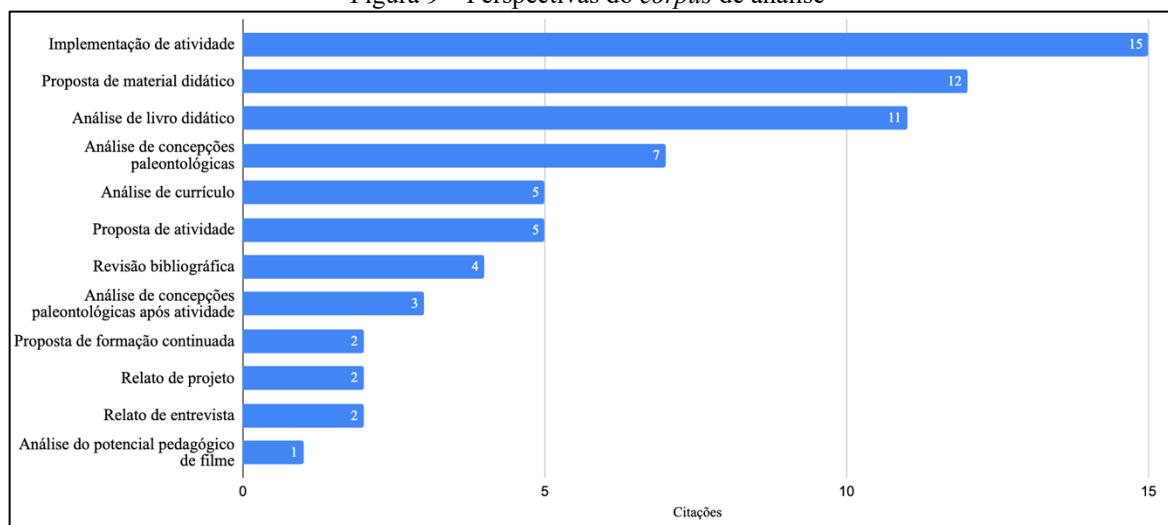
Não informa	4
-------------	---

Fonte: As autoras (2026).

A partir deste ponto, a construção dos dados se deu pelo total de citações das categorias mapeadas em cada publicação. A quantidade de categorias citadas pode variar entre os trabalhos, portanto, a soma da quantidade de resultados pode ser diferente da quantidade absoluta de trabalhos no *corpus* de análise.

Os dados de temática e objetivos foram associados a fim de compreender as perspectivas centrais dos trabalhos analisados. Mapeamos doze diferentes perspectivas: relato de atividade já implementada; proposta de material didático; análise de livro didático; análise de concepções paleontológicas prévias de discentes e docentes como instrumento diagnóstico puro; análise de concepções paleontológicas prévias de discentes e docentes como instrumento para verificar o impacto de uma proposta pedagógica; análise de currículo; proposta de atividade não implementada; pesquisa de revisão bibliográfica; proposta de formação continuada; relato de projeto; relato de entrevista; e análise do potencial pedagógico de filme. A distribuição das perspectivas centrais dos trabalhos está disposta na Figura 9.

Figura 9 – Perspectivas do *corpus* de análise

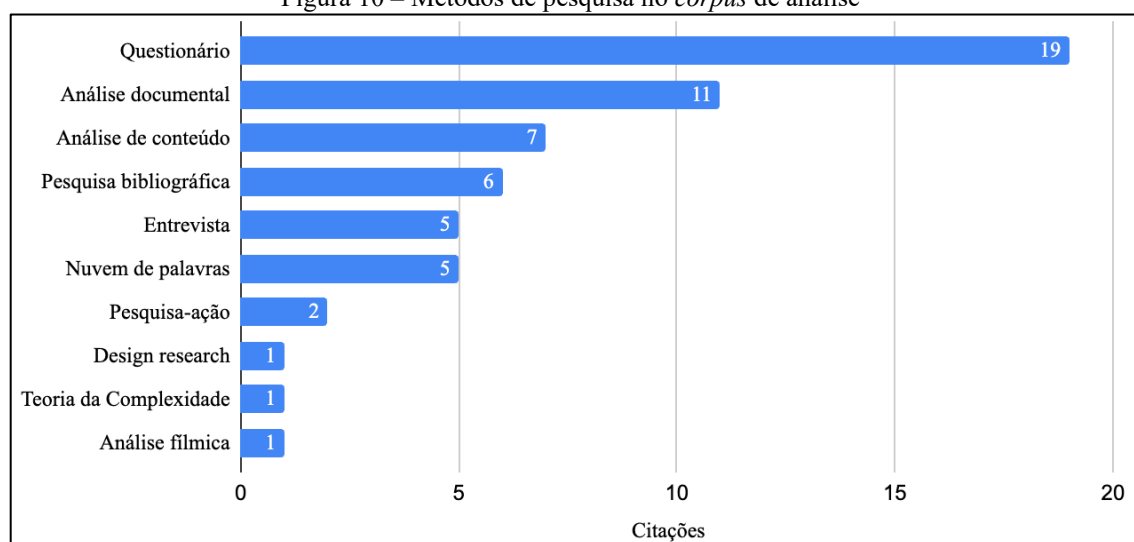


Fonte: As autoras (2026).

Implementações de atividades, propostas de atividades e propostas de materiais didáticos são perspectivas que apareceram com grande frequência no *corpus* de análise. Uma vez que propõem intervenções diretas no ambiente escolar, apontam para a existência de um interesse em ensinar a Paleontologia em sala de aula por parte dos docentes, apesar do subaproveitamento da temática na BNCC. Ainda, a presença de propostas de formação continuada aponta para o interesse em que mais professores sejam capacitados a ensinar Paleontologia. Esse interesse de professores em ensinar e ampliar o ensino de Paleontologia é contrário ao argumento colonial de que aqui falta *expertise* local e educação para a pesquisa (Cisneros *et al.*, 2022).

Também nos atentamos às metodologias das publicações do *corpus* de análise a fim de compreender tendências nos métodos de pesquisa utilizados. Os resultados estão demonstrados na Figura 10.

Figura 10 – Métodos de pesquisa no *corpus* de análise



Fonte: As autoras (2026).

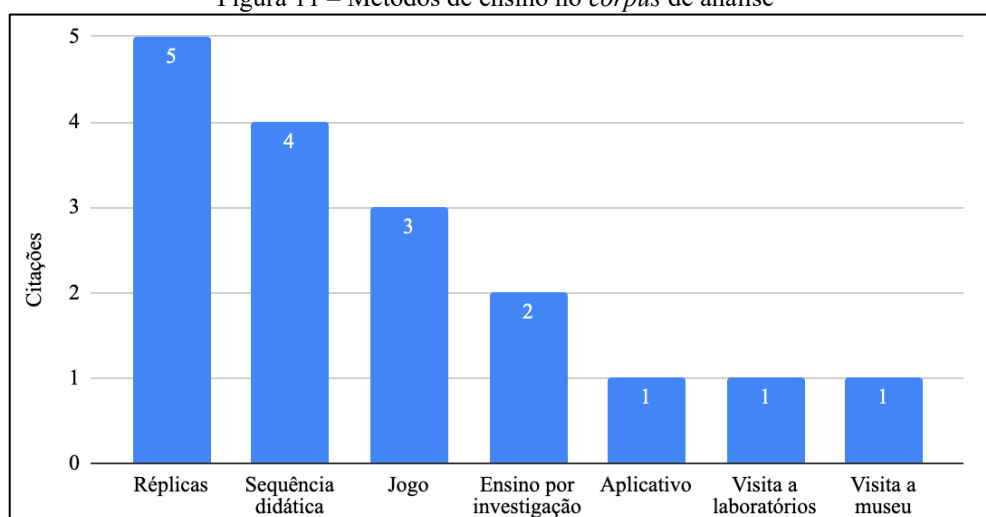
Os quatro métodos de pesquisa mais recorrentes nas publicações podem ser facilmente desenvolvidos sem que sujeitos se encontrem pessoalmente. Incluímos na categoria “questionário” tanto os questionários aplicados presencialmente quanto os aplicados via formulário online, e não separamos trabalhos estritamente teóricos de análises documentais, análises de conteúdo e pesquisas bibliográficas daqueles que usam esses métodos em somente uma porção da metodologia. Portanto, a necessidade de isolamento social entre os anos de 2020 e 2022, devido à pandemia de COVID-19, é uma possível justificativa para a grande ocorrência desses métodos na nossa análise. São necessárias novas investigações para aferir se há correlação entre esses fatos.

Dependendo da forma que são utilizados, os questionários mobilizam sentidos da ciência moderna. O problema disso reside no fato de que a ciência moderna reflete uma cosmovisão eurocêntrica moderna/colonial de conhecimento, que se considera única, verdadeira e universal. A ciência moderna marca quaisquer formas de conhecimento “não-europeias” como “não-válidas” através de um viés quantitativo (Dutra; Castro; Monteiro, 2019). Se os questionários encontrados no *corpus* de análise têm o objetivo de distinguir o conhecimento paleontológico “correto” do “incorreto”, então eles conformam com a lógica colonial de ciência e de Educação em Ciências.

Algo similar acontece em uma categoria que observamos como perspectiva central de alguns trabalhos: os estudos de análise de concepções paleontológicas prévias como instrumento para verificar o impacto de uma proposta pedagógica. Caso sejam aplicados os mesmos testes antes e após a implementação de uma atividade, então essa metodologia é análoga a um experimento controlado: duas amostras comparadas a fim de validar, ou não, uma hipótese original, de uma forma que se diz neutra e quantitativa. E se é a colonialidade que “posiciona o conhecimento científico como neutro e que instaura a noção de validação do conhecimento a partir do viés quantitativo (Dutra; Castro; Monteiro, 2019), experimentos controlados reproduzem uma perspectiva de ciência colonial/moderna e eurocêntrica” (Menezes, 2025, p. 77).

Os resultados encontrados quanto aos métodos de ensino desenvolvidos no *corpus* de análise estão dispostos na Figura 11.

Figura 11 – Métodos de ensino no *corpus* de análise



Fonte: As autoras (2026).

É surpreendente que visitas a museus e laboratórios tenham sido raras nos trabalhos analisados, uma vez que a Paleontologia é uma ciência de caráter majoritariamente acadêmico (Schwanke; Silva, 2010). Formulamos duas hipóteses para justificar esse cenário. A primeira é a de que os autores dos trabalhos analisados evitam realizar essas atividades justamente em uma tentativa de transformar a Paleontologia em uma ciência de sala de aula, e não mais estritamente acadêmica. A segunda hipótese é a de que os autores enfrentam dificuldades no acesso aos ambientes acadêmicos, tanto no contato com pesquisadores quanto pela logística envolvida em levar turmas a esses ambientes. Novas investigações são necessárias para melhor compreender esse cenário.

As principais conclusões das publicações analisadas foram organizadas em 5 diferentes categorias: documentos curriculares, livros didáticos, docentes, discentes e propostas para o ensino de Paleontologia. A síntese das conclusões organizadas nestas categorias está disposta no Quadro 3.

Quadro 3 – Síntese das conclusões dos trabalhos do *corpus* de análise

Categoria	Conclusões
Documentos curriculares	A abordagem da Paleontologia é insuficiente e superficial em diversos documentos curriculares brasileiros. Tratam a Paleontologia de forma secundária, atrelada a outras disciplinas e não como um campo próprio, o que leva os materiais didáticos a simplificá-la.
Livros didáticos	Abordam a Paleontologia de forma superficial e descontextualizada, como uma ciência secundária e desconectada de outras áreas. As informações são incompletas e desatualizadas. Livros didáticos de coleções diferentes são inconsistentes entre si. A Paleontologia é mais bem trabalhada nos livros didáticos do 6º ano do Ensino Fundamental, em comparação com os outros anos.
Docentes	Docentes de Ciências e Biologia enfrentam dificuldades e limitações ao trabalhar a Paleontologia devido aos currículos e livros didáticos superficiais e inconsistentes; à formação generalista na temática; à dependência dos livros didáticos, frequentemente falhos; à sobrecarga profissional; à falta de apoio institucional; e à dificuldade em encontrar materiais de apoio de qualidade, mesmo quando buscados na internet.
Discentes	Com exceções, têm conhecimento paleontológico prévio básico, pontual, baseado no senso comum e até equivocado. Após passarem por atividades pedagógicas, demonstram maior interesse e curiosidade pela Paleontologia; satisfatória apropriação dos conceitos científicos; maior criticidade e participação nas atividades; e reconhecem a importância do patrimônio paleontológico local.

Propostas para o ensino de Paleontologia	O ensino de Paleontologia pode ser mais interessante quando se supera a dependência do livro didático e são implementadas propostas pedagógicas ativas, diversificadas e interdisciplinares. O uso de jogos, sequências didáticas, filmes, oficinas, kits paleontológicos, réplicas, cartilhas, roteiros de campo, aplicativos, videoaulas, visitas a museus e atividades baseadas no patrimônio paleontológico local tiveram resultados positivos.
--	---

Fonte: As autoras (2026).

As conclusões corroboram o que diz Soares (2015) quanto ao subaproveitamento do potencial pedagógico da Paleontologia nos documentos curriculares, mas também o percebem nos livros didáticos. Apesar de ambos se valerem do caráter interdisciplinar da Paleontologia ao abordarem-na atrelada a demais disciplinas, o fazem de forma simplificada, descontextualizada e desatualizada. Ainda, de maneira análoga e possivelmente decorrente ao que ocorre na BNCC, os livros didáticos que melhor trabalham a Paleontologia são os do 6º ano do Ensino Fundamental.

Livros didáticos e documentos curriculares falhos impactam diretamente o trabalho docente. As conclusões encontradas apontam para a dependência dos docentes destes materiais uma vez que têm dificuldades de encontrar demais materiais de apoio de qualidade, sofrem de sobrecarga profissional e não têm apoio institucional. Além disso, têm formação generalista na temática, cenário com pouca perspectiva de resolução devido à escassez de propostas de formação continuada no *corpus* de análise.

Essas conclusões apontam para um ensino de Paleontologia superficial, reflexo de documentos curriculares e livros didáticos falhos. Já as conclusões sobre as propostas para o ensino de Paleontologia atribuem a responsabilidade de superação deste cenário sistêmico aos professores. Eles devem implementar propostas pedagógicas ativas, diversificadas e interdisciplinares para que o ensino de Paleontologia seja mais interessante, ainda que estejam sobrecarregados e não tenham apoio institucional, formação sobre a temática e material de apoio adequado.

Sobre os discentes, as conclusões encontradas desarticulam o argumento colonial de que as comunidades locais são desinteressadas nos fósseis e corroboram com o contraponto de que uma comunidade só pode se interessar pelo seu patrimônio se o conhecê-lo (Cisneros *et al.*, 2022). Após participar de atividades pedagógicas, estudantes que inicialmente demonstravam conhecimento paleontológico pontual e errôneo demonstraram maior interesse e curiosidade pela Paleontologia e reconheceram a importância do patrimônio paleontológico local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, mapeamos as publicações sobre o ensino de Paleontologia no Brasil e analisamos os resultados sob uma perspectiva crítica e decolonial. As buscas nas bases de dados com os descritores que utilizamos resultaram em 50 trabalhos dos últimos 10 anos escritos em português sobre o ensino de Paleontologia nas etapas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Brasil. A sistematização dos dados nos permitiu descrever achados interessantes e facilitou a visualização dos temas mais relevantes, emergentes e recorrentes, bem como as lacunas de produção.

Consideramos este mapeamento um diagnóstico incipiente da produção científica brasileira sobre o ensino de Paleontologia dos últimos 10 anos. São necessárias novas investigações que aprofundem algumas das discussões iniciadas aqui e busquem os motivos que levaram aos resultados encontrados. Novos estudos podem, por exemplo, explicar: a distribuição de publicações sobre o ensino de Paleontologia no país; se a escassez de teses sobre o ensino de Paleontologia também foi comum em outras décadas e países; se há correlação entre

a data de publicação da BNCC e o aumento no número de publicações sobre o ensino de Paleontologia; os motivos de poucos trabalhos relatarem visitas a instituições acadêmicas; se os questionários e análise de concepções paleontológicas prévias como instrumento para verificar o impacto de uma proposta pedagógica mobilizam sentidos das ciências modernas; e se a recorrência da implementação de questionários, análises documentais, análises de conteúdo e pesquisas bibliográficas têm relação com o período de pandemia de COVID-19. Ainda, uma análise aprofundada dos trabalhos que tratam das concepções paleontológicas prévias de discentes e docentes pode contrapor o argumento colonial de que as comunidades locais são desinteressadas nos fósseis.

O subaproveitamento do potencial pedagógico da Paleontologia no contexto brasileiro é um cenário sistêmico que envolve diversos fatores como o caráter estritamente acadêmico dessa ciência, os livros didáticos e currículos falhos e a formação generalista de professores de Ciências sobre a temática. A superação desse cenário deve partir de uma articulação entre o poder público, as instituições acadêmicas e as comunidades locais para que o conhecimento paleontológico brasileiro esteja acessível a todos. Somente com um conhecimento paleontológico acessível as comunidades podem se interessar, valorizar e reconhecer a importância de seu próprio patrimônio fóssil e auxiliar no combate à colonialidade científica em Paleontologia no Brasil.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. O Sul Global como projeto político. **Horizontes ao Sul**, Redenção, 15 jul., 2020.

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. **Mapa das regiões fossilíferas georreferenciadas do Brasil**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/serie-didatica/mapa-digital-das-localidades-fossiliferas-do-brasil/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. educação é a base. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 maio 2025.

CASSAB, R. C. T. Objetivos e Princípios. In: CARVALHO, I. S. (org.). **Paleontologia: conceitos e métodos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. p. 3-11.

CISNEROS, J. C.; RAJA, N. B.; GHILARDI, A. M.; DUNNE, E. M.; PINHEIRO, F. L.; FERNÁNDEZ, O. R. R.; MARCOS, V. F. A.; ROSA, R. A. R.; MIRANDA-MARTÍNEZ, A. Y.; GONZÁLEZ-MORA, S.; BANTIM, R. A. M.; LIMA, F. J.; PARDO, J. D. Digging deeper into colonial palaeontological practices in modern day Mexico and Brazil. **Royal Society Open Science**, London, v. 9, n. 3, 2022. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/rsos/article/9/3/210898/96957/Digging-deeper-into-colonial-palaeontological>. Acesso em: 16 abr. 2026.

DUTRA, D. S. A.; CASTRO, D. J. F. A.; MONTEIRO, B. A. P. Educação em ciências e decolonialidades: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, B. A. P. *et al.* (org.). **Decolonialidades na educação em ciências**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 2-17.

GALTUNG, J. Scientific colonialism. **Transition**, [s. l.], n. 30, p.10-15, 1967.

GODOI, P.; GUILARDI JÚNIOR, F.; GHILARDI, A. M.; AZEVEDO, E. Q.; FEISTEL, R. A. B. A Paleontologia na Educação Básica brasileira: uma revisão. **Terræ Didática**, Campinas, v. 18, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8668750/30270>. Acesso em: 16 abr. 2026.

MENEZES, N. S. **Em busca dos fósseis perdidos**: um levantamento dos casos de tráfico de fósseis do Estado do Paraná. 2023. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

MENEZES, N. S. **A colonialidade científica e o ensino de Paleontologia**: uma análise da produção acadêmica sobre a Educação em Ciências. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

MENEZES, N. S.; PEREIRA, P. B. "Muito mais que dinossauro": uma proposta de ensino de paleontologia para o ensino médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA/ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA MG/GO/TO/DF, 9./7., 2024, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Universidade do Estado de Minas Gerais, 2024. p. 1-11.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PIVETTA, M. A primeira terra dos dinossauros. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 279, mai. 2019. p. 18-23. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-primeira-terra-dos-dinossauros/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RAJA, N. B.; DUNNE, E. M.; MATIWANE, A.; KHAN, T. M.; NÄTSCHER, P. S.; GHILARDI, A. M.; CHATTOPADHYAY, D. Colonial history and global economics distort our understanding of deep-time biodiversity. **Nature Ecology & Evolution**, London, v. 6, p. 145-154, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41559-021-01608-8>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

SCHWANKE, C.; SILVA, M. A. J. Educação e Paleontologia. In: CARVALHO, I. S. (org.). **Paleontologia**: conceitos e métodos. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. p. 681-688.

SILVA, C. N.; COSENZA, A. Os sítios paleontológicos como possibilidades para a educação ambiental, a ecologia política e a decolonialidade. *In: REUNIÃO REGIONAL DA ANPED - SUDESTE*, 14., 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anped, 2020. v. 2, p. 141-152.

SILVA, C. N.; COSENZA, A. Paleontologia e Justiça Ambiental: tecendo conexões através da Ecologia Política. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 24, p.1-18, 2021.

SIMÕES, M. G.; RODRIGUES, S. C.; SOARES, M. B. Introdução ao estudo da paleontologia. *In: SOARES, M. B. (org.). A paleontologia na sala de aula*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015. p. 17-32.

SOARES, M. B. (org.). **A paleontologia na sala de aula**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA. **Museus**. [s. l.]: SBP, 2022a. Disponível em: <https://sbpbrasil.org/museus/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA. **Onde estudar**. [s. l.]: SBP, 2022b. Disponível em: <https://sbpbrasil.org/onde-estudar/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

STEFANOUDIS, P. V.; LICUANAN, W. Y.; MORRISON, T. H.; TALMA, S.; VEITAYAKI, J.; WOODALL, L. C. Turning the tide of parachute science. **Current Biology**, Amsterdam, v. 31, n. 4, p. 184-185, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cub.2021.01.029>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Laboratório de Paleontologia (LabPaleo)**. Curitiba: UFPR, 2026. Disponível em: <https://labpaleo.ufpr.br/index.php/labpaleo/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Laboratório de Paleontologia de Vertebrados**. Porto Alegre: Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto, 2026. Disponível em: https://www.ufrgs.br/museupaleonto/?page_id=772. Acesso em: 22 fev. 2026.

Submetido em: 28/02/2026
Aprovado em: 29/04/2026
Publicado em: 16/06/2026



Todo o conteúdo deste periódico está sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), exceto onde está indicado o contrário.